

Fernando Molica

As bênçãos de Ana Maria Gonçalves

Ao iniciar seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras com pedidos de bênçãos aos seus pais, a escritora Ana Maria Gonçalves, primeira mulher negra a entrar na instituição, criou um fato ao mesmo tempo político e estético.

A decisão de priorizar seu pai e sua mãe transformou o Petit Trianon em quintal, em varanda de casa perfumada pelo cheiro de frango com quiabo feito no fogão de lenha. Reiterou a ancestralidade que conduziu seu romance “Um defeito de cor” (Record), enfatizou um princípio fundamental nas religiões afro-brasileiras.

Reforçou assim a ideia do respeito e da devoção aos que vieram antes — ao citar, depois, parentes mais novos, ela apontou para a continuidade, para as idas, vindas e trocas entre passado, presente e futuro.

A escolha também dialogou com uma característica fundamental da ABL: o culto aos antepassados é o que explica a ideia de imortalidade concedida aos que passam a integrar seus quadros. São imortais porque

seus nomes sempre serão lembrados em cerimônias de posse e em datas como aniversários de nascimento e de morte.

Ao enfatizar a ligação entre memória e vida, a ABL toma um chá com tradições religiosas e culturais vindas da África, descobre ter muito em comum com elas. Ambas encaram a memória como algo vivo, presente, essencial para a construção do futuro.

A presença de Ana Maria na ABL é, por si só, exemplo e potência desse processo histórico que mistura os tempos. Cometeria um erro quem ousasse dizer que Kehinde, protagonista do romance, está morta.

Outro dia mesmo, ela apareceu chorando um filho morto no Complexo do Alemão, aos pés da Igreja de Nossa Senhora da Penha; na sexta, vestiu o fardão que suas mãos costuraram no ateliê da Portela; nos corpos de outras mulheres, participou da festa no terreiro de Machado de Assis que comemorou a posse de todas elas.

A maioria de negros entre os convidados frisou a mudança num país que, com

todas as suas mazelas, vê as cortinas do passado sendo abertas, escancaradas para um futuro inevitável e inclusivo.

Observador privilegiado dos fatos, sentado no centro da área externa da instituição que fundou, nosso maior escritor, negro, certamente adorou a presença de tantos dos seus por ali, ao seu lado.

A escritora foi empossada dias depois de o IBGE revelar que seus prenomes são os que mais identificam as mulheres brasileiras; mais do que uma coincidência é uma reafirmação da lógica coletiva que a levou para a ABL, de uma pluralidade que, mais do que representar, ela incorpora e passa adiante — em preuguês, na oralitura e com base na escrivência, como destacou em seu discurso.

Como no samba de Mangueira que cita Luísa Mahin (Kehinde), Brasil chegou a vez de ler e ouvir as Anas, Marias, Lílias, Ledas e Conceições. Mais do que nunca, precisamos nos descobrir e nos reencontrar: a bênção, Ana Maria; axé, saravá.

Sérgio Cabral*

Desafios ambientais

A COP-30, o principal encontro do planeta, tem a intenção da busca de soluções para salvá-lo do desastre ambiental que se avizinha a passos largos. Ela acontece pela primeira vez no coração da Amazônia. Na linda cidade de Belém, capital do Pará.

O evento se realiza 33 anos depois do primeiro grande encontro mundial promovido pela ONU sobre o tema, a ECO 92, aqui no Rio de Janeiro.

De 1992 para cá, o grande fato econômico, social e ambiental do planeta foi a incorporação, pela China, de centenas de milhões de pessoas ao consumo e a uma vida digna. Além da China, a Índia nesse período incorporou milhões de pessoas ao consumo, assim como o Brasil. Os países do Brics, principalmente, evoluíram na dignidade aos seus habitantes. Longe ainda do mínimo ideal, na maioria dos casos.

Essa entrada no mercado de consumo de mais de 1 bilhão de pessoas no mundo teve como decorrência, obviamente, mais indústrias, mais produção de energia com o uso de combustíveis fósseis, expansão da construção civil e tudo o mais que as populações dos países do G7 - Estados Unidos, Japão , Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Canadá, já tinham experimentado nas décadas de 40, 50, 60 e 70 do século passado.

O desafio do planeta é manter a evolução tecnológica, industrial, agrícola e de serviços, sem aumentar a temperatura da Terra, que já está em níveis assustadores. Para isso, a bus-

ca de alternativas de preservação ambiental e tecnologias ambientalmente sustentáveis é o grande desafio. Crescer e distribuir renda sem se autoflagelar.

Em todos os países do mundo os entes federativos podem dar sua contribuição. Já que o poder público trabalha com escalas sempre superiores ao setor privado, no atendimento das demandas de suas populações. Tanto a união, estados e municípios.

Aqui no estado fizemos muito pelo meio ambiente. Inauguramos o maior número de parques estaduais da história. Nosso estado, de 2007 a 2014, foi o que mais preservou sua Mata Atlântica, implantamos o critério diferenciado de distribuição do ICMS aos municípios, com a criação do ICMS Verde. Municípios com as melhores práticas de políticas públicas ambientais recebem um valor a mais na distribuição do imposto.

Durante os anos de paz com as UPPs, o projeto Fábrica Verde, instalado em diversas comunidades, tinha centenas de jovens dedicados a recuperar computadores inservíveis e torná-los funcionais outra vez. A criação da Guarda Florestal permitiu maior segurança em nossos parques estaduais. Ganhamos prêmios internacionais com a primeira estrada feita com asfalto borracha, a RJ 122. Nela usamos 30 mil pneus descartados que estariam hoje na natureza poluindo o ambiente. Criamos o INEA, o Instituto Estadual do Ambiente, e promovemos o primeiro concurso público

para profissionais da área ambiental. Dragamos centenas de quilômetros de rios e lagoas em todo o estado. Desobstruímos o Canal do Itajuru, em Cabo Frio, e com isso a salvação da Lagoa de Araruama.

Entretanto, a maior colaboração de meu governo para o meio ambiente foi a construção de mais de 20 quilômetros de metrô, com a inauguração de 10 novas estações metroviárias. Sequestramos carbono na área metropolitana como nunca havia ocorrido na história do Rio. Quantas milhares de pessoas deixaram de usar ônibus ou automóveis e passaram a usar o metrô?

O Rio há 9 anos não inaugura uma estação de metrô sequer. Isso é grave. Nos últimos anos se viu a expansão de linhas de ônibus pelo modelo BRT, um paliativo que polui e não é transporte de massa. No encontro das cidades do C-40, na semana passada aqui no Rio, a tônica foi o investimento em mobilidade sustentável, isto é, metrô! Se os entes federativos não se debruçarem sobre esse desafio - a expansão metroviária nos centros urbanos brasileiros - teremos cidades insustentáveis. O trânsito cada vez mais caótico e poluente.

É hora de uma pauta ambiental comum, entre todas as autoridades públicas, para que nossos filhos, netos e bisnetos tenham vida e de qualidade.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

Thaísa Oliveira*

Não esperem muita coisa da CPI do crime organizado

Por incrível que pareça, o governo Lula (PT) diz estar tranquilo com a recém-criada CPI do crime organizado. Por um voto, conseguiu emplacar o presidente, Fabiano Contarato (PT-ES). Também tem alguma confiança no relator, Alessandro Vieira (MDB-SE). Mas esse não é o motivo principal.

Um governista me pergunta quem estará no banco dos réus da CPI. Lula? O PT? Ricardo Lewandowski, ministro da Justiça e Segurança Pública? Governadores? Cláudio Castro, do Rio? Ou convocarão Fernandinho Beira-Mar, líder do Comando Vermelho cujo paradeiro é conhecido (um presídio federal)?

A pergunta é capciosa porque um problema tão complexo há de ter muitos envolvidos. Enquanto não apontam os culpados

pelo atual estado da coisa, digo com relativa tranquilidade que os direitos humanos estarão no banco dos réus.

O líder do PT, Rogério Carvalho (SE), afirma que a direita escalou o time número um da pirotécnia bandida para compor a CPI. Retiro o bandida da lista de adjetivos e sigo com o pirotécnica. Entre os bolsonaristas, o mais moderado foi vice-presidente de Jair Bolsonaro (PL) -Hamilton Mourão (Republicanos-RS).

É verdade que Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Magno Malta (PL-ES) e Eduardo Girão (Novo-CE) têm alguma expertise em fazer barulho. O ex-ministro da Segurança Pública Sergio Moro (União Brasil-PR) idem. Mas essa não é a única vantagem da direita e da extrema-direita.

Enquanto boa parte do centro e da esquerda não sabe o que falar nem sobre uma operação com 121 cadáveres em praça pública, a direita diz com bastante naturalidade que bandido bom é bandido morto. Se for atirar, que seja na cabecinha (Castro, nunca antes tão popular, que o diga).

Tenho a impressão de que até os membros da CPI sabem que ela não precisava existir. Muito menos a um ano das eleições, com uma disputa em curso por tempo de tela. Difícil esperar um debate honesto quando um lado precisa pisar em ovos e o outro pode pisar em corpos.

***Repórter em Brasília. Antes, na Rádio CBN. É formada em jornalismo pela Universidade de Brasília**

EDITORIAL

Brasil pronto para uma população idosa?

O Enem, mais uma vez, surpreende com os temas da redação. ‘Perspectivas acerca do envelhecimento na sociedade brasileira’ não apenas é um alerta de como a população brasileira está ficando mais velha a cada ano, mas se os setores de saúde, transporte e infraestrutura urbana estão a par dessa evolução ou não.

O envelhecimento populacional é um fenômeno irreversível e cada vez mais evidente no Brasil. Nas últimas décadas, a melhoria das condições sanitárias, o avanço da medicina e o aumento da expectativa de vida transformaram a estrutura etária do país. Se antes a juventude representava o centro das atenções políticas e econômicas, hoje é o idoso que se torna protagonista de um novo desafio social: o de envelhecer com dignidade em um país ainda despreparado para acolher essa fase da vida.

De um lado, é inegável o avanço das discussões sobre o envelhecimento ativo, conceito que estimula a autonomia, a participação e o bem-estar das pessoas idosas. Há políticas públicas, como o Estatuto do Idoso e programas de inclusão digital, que buscam garantir direitos e promover o protagonismo dessa parcela da população. Além disso, cresce a valorização da

experiência e do conhecimento acumulado pelos mais velhos, que podem contribuir para uma sociedade mais solidária e equilibrada entre gerações.

No entanto, essas perspectivas positivas ainda coexistem com uma realidade marcada por desafios profundos. O etarismo — preconceito contra a velhice — persiste em diversas esferas, desde o mercado de trabalho até o convívio familiar. Muitos idosos enfrentam o abandono, a precariedade dos serviços de saúde e a exclusão social. A aposentadoria, frequentemente insuficiente para cobrir os custos de vida, expõe a vulnerabilidade econômica dessa população. Além disso, a falta de acessibilidade urbana e de políticas de cuidado a longo prazo evidencia o despreparo estrutural do país diante do aumento da longevidade.

É preciso, portanto, repensar o envelhecimento não como um fardo, mas como uma etapa natural e valiosa da vida humana. Investir em educação intergeracional, em saúde preventiva e em políticas de inclusão é fundamental para construir uma sociedade mais empática e sustentável. Envelhecer deve ser sinônimo de conquista, e não de exclusão.

Antigamente em Brasília

Era um passeio comum. As pessoas pegavam seus carros e percorriam os 60 quilômetros que separam Brasília de Luziânia para comer no restaurante estrelado Antigamente. No caminho, muitas vezes passavam pela casa de um estranho senhor de barbas brancas longuíssimas que fazia licores.

Era um tempo em que deputados e senadores na sua maioria moravam de fato em seus apartamentos funcionais. E muitos, assim, ficavam muitas vezes nos fins de semana. O ex-deputado Ulysses Guimarães adorava ir ao Antigamente. Já o ex-deputado Nelson Jobim, também ex-ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal, gostava de ir à galeria que havia na Granja do Torto.

Já o ex-presidente Fernando Collor, que cresceu em Brasília, era fã da pizzeria Kazebre

13, onde dois irmãos italianos cuidavam dos preparos da iguaria enquanto um quadro com um enorme vulcão Vezúvio iluminado soltava uma fumaça feita de Bom-Bril.

Brasília, esta senhora de 65 anos, já tem sua memória. Já deixa seu rastro de saudade nesses e outros endereços que já não existem.

Enquanto outros locais históricos permanecem, se preservam e merecem ser visitados. Como o restaurante Roma, que existe desde a fundação de Brasília. O bar Beirute, o La Chaumiére, a Pizzaria Dom Bosco.

O que pode haver de mais brasiliense do que pedir uma fatia dupla com mate na Dom Bosco da rua da Igrejinha? Ou comer um pastel com caldo de cana na Rodoviária?

Antigamente em Brasília é ainda hoje...

Opinião do leitor

Nova história

Em 31 de outubro de 1517, uma nova história de fé começou a ser escrita. Atualmente, o acesso à Bíblia é muito mais fácil. E esse é, sem dúvida, um legado eterno da Reforma Protestante para a humanidade.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EUA RECONHECEM O NOVO GOVERNO BRASILEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de novembro de 1930 foram: EUA, Grã-Bretanha, Vaticano, Japão, Romênia, Noruega, Polônia, Dinamarca, Finlândia, França, Argentina, Colômbia, Cuba e Paraguai também reconhecerem o novo governo brasileiro. Vão ser exilados para foro do país todos os exilados nas embaixadas estrangeiras. Parada militar do 15 de novembro promete 10 mil homens e presença de Getúlio Vargas. José Américo de Almeida é o novo ministro da Viação.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA QUER REFORMA NO CÓDIGO ELEITORAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de novembro de 1950 foram: Bombardeio aéreo destrói Sinuju, na Coreia do Norte. Democratas têm pequena maioria na Câmara e no Senado dos EUA.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo

(Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita

(Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), Rafael Lima e William França

Serviço noticioso: Folhpress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.